

CONCEPÇÃO SOCIOINTERACIONISTA DE LINGUAGEM: PERCURSO HISTÓRICO E CONTRIBUIÇÕES PARA UM NOVO OLHAR SOBRE O TEXTO

Sueli Gedoz^{*}
Terezinha da Conceição Costa-hubes^{**}

RESUMO: *Recorrendo a Bakhtin (2000, 2004), Saussure (1995), Travaglia (2001) e Costa-Hübes (2008), entre outros autores, elaboramos o presente texto retomando, inicialmente, as diferentes concepções de linguagem que perpassam o trabalho com a língua portuguesa. Essa retomada objetiva reafirmar a importância de um trabalho prático com a concepção sociointeracionista, a qual considera os usos da língua(gem) como práticas sociais. Após discutir seus fundamentos teóricos, apresentamos algumas reflexões sobre um texto do gênero discursivo artigo de opinião, analisando-o sob o viés do método sociológico proposto por Bakhtin (2004), que considera o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo como elementos organizadores dos gêneros. Utilizamos, para isso, o texto “Separação: drama de todos”, de Lya Luft.*

PALAVRAS-CHAVE: *concepções de linguagem; sociointeracionismo; gêneros discursivos.*

ABSTRACT: *Drawing on Bakhtin (2000, 2004), Saussure (1995), Travaglia (2001) and Costa-Hübes (2008), among others, elaborated this text following, initially, the different conceptions of language that pervades the work with Portuguese language. This resumption aims to reaffirm the importance of practical work with the design sociointeractionist, which considers the uses of language as social practices. After discussing its theoretical foundations, present some reflections on a text of the review article genre, examining it under the bias of sociological method proposed by Bakhtin (2004), which considers the thematic content, style and the compositional construction elements as organizers genera. We used to do this, the text “Separation: drama for everybody”, by Lya Luft.*

KEY WORDS: *conceptions of language; social interactionist; speech genre.*

INTRODUÇÃO

Elaboramos esse texto com a intenção de refletir sobre a concepção sociointeracionista de linguagem, relacionado-a, a partir de um resgate

^{*} Doutoranda em Letras no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, área de concentração em Linguagem e Sociedade, professor da Faculdade de Ciências Sociais e Apicadas de Cascavel (UNIVEL) e da Secretaria do Estado da Educação do Paraná.

^{**} Prof. Dr.ª do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, área de concentração em Linguagem e Sociedade, Nível de Mestrado, Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE.

histórico, às diferentes concepções de linguagem que já organizaram e ainda fundamentam os estudos da língua(gem).

Para isso, apresentamos, inicialmente, a concepção que toma a linguagem como *expressão do pensamento*, corrente teórica que durante muito tempo orientou o processo de ensino. Em seguida, apontamos as características da concepção de linguagem como *instrumento de comunicação*, resgatando considerações de Saussure (1995), o qual exerceu grande influência nos estudos linguísticos no período em que tal concepção se firmou na esfera escolar. A partir de apontamentos de Bakhtin (2000, 2004), lançamos um olhar sobre essas correntes teóricas e encaminhamos nossa discussão para a concepção sociointeracionista de linguagem, a qual tem suas bases no dialogismo.

Partindo do pressuposto bakhtiniano de que a linguagem é social, construída por meio de processos de interação, evidenciamos, em nosso estudo, a forma como a ciência linguística tem se organizado a partir do movimento teórico, denominado por Travaglia (2003) e Morato (2004), como Linguística da Enunciação.

Na parte final de nosso estudo, considerando os pressupostos teóricos bakhtinianos, dedicamos à análise de um texto pertencente ao gênero discursivo artigo de opinião, organizado pela esfera jornalística, seguindo o percurso metodológico apresentado por Bakhtin (2004), que considera, para o estudo da língua, reflexões sobre o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional dos textos que circulam socialmente. Enfocaremos, também, alguns elementos da Linguística Textual que contribuem para a formatação, em especial, do estilo do gênero em questão.

Além de Bakhtin (2000, 2004), referência essencial para os estudos da interação verbal, gêneros discursivos e sociointeracionismo, fundamentam nosso estudo os conceitos de Saussure (1995), Travaglia (2001) e Costa-Hübes (2008).

AS CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM E O SOCIO-INTERACIONISMO

Ao lançarmos um breve olhar sobre os estudos da linguagem, apresentamos algumas considerações sobre as diferentes formas de se conceber a língua e a linguagem no processo de ensino e aprendizagem. Para isso, destacamos três grandes momentos que, influenciados por pressupostos filosóficos, pedagógicos e psicológicos, diferenciaram-se em relação ao modo como ela foi concebida e a consequência dessas compreensões no trabalho com a língua portuguesa na sala de aula.

O primeiro momento refere-se ao tratamento da linguagem como

representação do pensamento. Essa concepção que prevaleceu no ensino até, aproximadamente, o final da década de 1960, aponta a fala como referência nos estudos da língua. Considera que uma fala organizada pressupõe um pensamento organizado. Travaglia (2001) afirma que nessa abordagem,

As leis da criação lingüística são essencialmente as leis da psicologia individual, e da capacidade de o homem organizar de maneira lógica seu pensamento dependerá a exteriorização desse pensamento por meio de uma linguagem articulada e organizada. (TRAVAGLIA, 2001, p.21)

Dessa forma, o psiquismo individual constitui a fonte da língua, sendo, portanto, a fala encarada como um fundamento da língua. Bakhtin (2004) define essa corrente como “subjativismo idealista” porque, sob esse viés, a língua se materializa na forma de atos individuais de fala que são considerados, nos estudos, como representação do pensamento. Por isso a preocupação em formar falantes ideais, ou seja, que dominem uma língua ideal, universal. De acordo com o autor, para essa concepção de linguagem,

A língua enquanto produto acabado (“ergon”), enquanto sistema estável (léxico, gramática, fonética), apresenta-se como um depósito inerte, tal como a lava fria da criação lingüística, abstratamente construída pelos lingüistas com vistas à sua aquisição prática como instrumento pronto a ser usado. (BAKHTIN, 2004, p.73 – grifos do autor)

No espaço escolar a linguagem como representação do pensamento considera o “ensinar a falar” como a tarefa mais importante no processo de ensino, enquanto a escrita é relegada a um segundo plano. A gramática normativa tem enfoque primordial e, por consequência, os problemas ortográficos e a questões gramaticais são os aspectos mais observados nas atividades orais e escritas. O olhar que se estabelece sobre o texto independe do contexto. A esse respeito, Travaglia (2001) informa que “o modo como o texto, que se usa em cada situação de interação comunicativa, está constituído não depende em nada de para quem se fala, em que situação se fala (onde, como, quando), para que se fala.” (TRAVAGLIA, 2001, p.22).

Essa maneira de conceber a linguagem foi contestada, no século XIX, pela Linguística Histórica com as gramáticas comparadas que defendiam a idéia de que “as línguas se transformam com o tempo”. Logo, para os estudiosos da língua, “não é mais a precisão, mas a mudança o que importa” (ORLANDI, 1999, p. 13). Destaca-se, assim, a segunda concepção de linguagem, a qual ainda está presente em muitas práticas de ensino. Trata-se da linguagem como instrumento de comunicação. Essa corrente focaliza a língua a partir de sua forma e estrutura, identificando-a como um sistema

fechado de regras e convenções. Embora reconheça a língua como social, ao analisá-la, aprisiona-a dentro de um sistema fechado de regras e convenções. Bakhtin (2004) considera esse estudo como uma oposição ao momento anterior e, por isso, denomina-o “objetivismo abstrato” por entender que, para os pesquisadores adeptos a essa orientação teórica, o centro organizador de todos os fatos da língua situa-se no sistema linguístico, ou seja, no sistema das formas fonéticas, gramaticais e lexicais da língua. Nessa segunda concepção, ainda de acordo com o autor, “cada enunciação, cada ato de criação individual é único e não reiterável.” (BAKHTIN, 2004, p.79).

Sob esse viés teórico, a linguagem passou a ser concebida, principalmente pelos seguidores da teoria saussuriana, como uma estrutura concreta, um código, passível de ser analisado internamente. A escola estruturalista (assim como ficou chamada para os estudiosos e seguidores de Saussure) investigava “fatos linguísticos com base na idéia fundamental de que a língua é sistema e de que cada elemento desse sistema possui um valor especial, compreendido, principalmente, por suas oposições em relação a outros elementos” (SAUSSURE, 1995, p. 69).

Essa corrente foi influenciada, portanto, pelos estudos do linguista suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913), que traça dicotomias entre língua e fala. Para esse autor, a fala, por ser individual, não faz parte do interesse da linguística, já que esta deve voltar-se para a análise da língua, com foco na escrita. A língua, por consequência, é considerada uma herança da época precedente e como um conjunto de signos exteriores aos indivíduos. Saussure (1995) aponta que:

a língua não se confunde com a linguagem; é somente uma parte essencial dela, indubitavelmente. É ao mesmo tempo um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. (SAUSSURE, 1995, p.17)

Sob essa perspectiva, a língua é, de acordo com Saussure (1995), um sistema de valores depositado como um produto social na mente de cada falante. Ao considerar o caráter social da língua, a linguagem como uma forma de transmissão de informações, a língua é vista, então, como um código capaz de transmitir uma mensagem a um receptor. Esse olhar “social” para a língua se justifica porque, conforme Costa-Hübes (2008), os estudos de base saussuriana dividem-se em várias vertentes e, dentro da vertente europeia do Estruturalismo, origina-se o Funcionalismo, propondo-se a estudar a natureza das estruturas linguísticas, relacionando-as às situações de uso, pois defende que só assim seriam compreendidas. E em suas subdivisões, destaca-se Jakobson, um linguista da Escola de Praga,

para quem a linguagem deve ser compreendida como aquela que se desenvolve diferentes funções. O pesquisador traça um quadro das funções da linguagem tendo em vista o locutor (emissor) e o aloctário (receptor), o canal (do emissor até o receptor), a mensagem a ser transmitida pelo emissor, o referente (assunto tratado na mensagem) e o código (entendido como a língua que organiza a mensagem). Para Jakobson, é necessário que o falante (emissor) aproprie-se desse código a fim de que possa comunicar uma mensagem a outrem.

Ao refletir sobre essa maneira de conceber a linguagem, Travaglia (2001) critica-a, afirmando que, ao entendermos a linguagem sob esse viés, estamos tendo

uma visão monológica e imanente da língua, que a estuda segundo uma perspectiva formalista – que limita esse estudo ao funcionamento interno da língua – e que a separa do homem no seu contexto de social. (TRAVAGLIA, 2001, p.22)

Pode-se dizer que, na década de 1970, a linguagem foi concebida como um **instrumento de comunicação** e a língua entendida como um *conjunto de signos que se combina para estabelecer a comunicação*. Nessa perspectiva, parafraseando Maciel (2002/2003), tivemos um ensino prescritivo da língua, orientado tanto pela gramática normativa quanto descritiva, priorizando modelos ideais de construções linguísticas, os quais deveriam ser imitados e seguidos.

Finalmente, uma terceira concepção que se apresenta é a que toma a linguagem como **forma de interação**. Tal concepção, baseada numa abordagem dialética de produção do conhecimento, procura mostrar a linguagem como social, resultado de uma construção coletiva e de processos de interação. Baseando-se nos estudos do psicólogo bielorusso Lev Semyonovich Vygotsky (1896-1934), a linguagem passa a ser entendida como um fator que constitui o homem, tendo função social e comunicativa. É a linguagem que possibilita um contato com o mundo.

Compartilhando desse pressuposto vygotskyano e rompendo com as concepções anteriores, Bakhtin (2000, 2004) propõe um olhar dialógico sobre a linguagem. O pensador russo não nega a estrutura da língua, mas afirma que ela deve ser estudada e entendida em enunciados concretos. Surge, assim, a partir dos estudos desse autor, a Linguística da Enunciação, a qual se volta para a língua como resultante de um trabalho coletivo e histórico porque reflete as relações sociais dos falantes. Em termos históricos, podemos dizer que a linguagem como forma de interação passou a ser difundida a partir dos anos de 1980. Costa-Hübes (2008), reportando-se às novas abordagens para a concepção de homem e de sociedade presentes nos discursos desse período, assim resgata historicamente e comenta sobre

a noção de interação apresentada nessa concepção de linguagem:

Na verdade, a noção de interação não é da década de 1980. Ela surgiu como categoria de análise nos anos de 1960. Porém, foi somente no final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980 que a corrente teórica ganhou força no âmbito da Filosofia ou da Sociologia, a partir da influência e prestígio das publicações de Mikhail Bakhtin (1895-1975) e seu círculo no campo da Lingüística. (COSTA-HÜBES, 2008, p. 105)

Para Bakhtin (2004), a linguagem é um ato social que se realiza e se modifica nas relações sociais e é, ao mesmo tempo, meio para a interação humana e resultado dessa interação, já que seus sentidos não podem ser desvinculados do contexto de produção. A linguagem é, portanto, de natureza socioideológica e tudo “que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo” (BAKHTIN, 2004, p.31 - grifo do autor).

O SOCIOINTERACIONISMO E A LINGÜÍSTICA DA ENUNCIÇÃO

Ao apontar que, para Bakhtin (2004), a concepção de língua é discursiva, podemos afirmar que a língua não pode ser separada dos seus falantes e dos seus atos, tampouco das esferas sociais e dos valores ideológicos. Para o autor, “a língua, no seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida” (BAKHTIN, 2004, p.95), não podendo ser vista como um sistema abstrato de formas normativas. É, portanto, concreta, realizando-se nos atos de fala, na comunicação efetiva entre seus usuários. Essa concepção confirma, então, o caráter **sociointeracionista** da linguagem, uma vez que aponta a língua como dialógica e interacional.

Alem disso, o sociointeracionismo também considera a presença do outro, indicando que a língua não é um ato individual, uma vez que quando falamos ou escrevemos, dirigimo-nos a interlocutores concretos que também estabelecem uma relação dialógica com o mundo.

Em termos de prática escolar, ao tomar o sociointeracionismo como concepção norteadora do trabalho com a linguagem, a língua deixa de ser concebida como um sistema fechado de regras e passa a ser compreendida como forma de interação. Cabe ao professor elaborar estratégias de trabalho que consideram diversos textos/contextos em que a linguagem se faz necessária, para que o aluno aprenda a adequá-la às diversas situações que encontra em seu dia-a-dia, sejam elas formais e informais, orais e escritas.

Considerando a organização histórica do pensamento linguístico,

julgamos conveniente recorrer a Travaglia (2001) e a Costa-Hübes (2011) para melhor explicar o momento em que o sociointeracionismo se afirma no trabalho com a linguagem. De acordo com aquele autor,

Essa concepção é representada por todas as correntes de estudo da língua que podem ser reunidas sob o rótulo de *linguística da enunciação*. Aqui estariam incluídas correntes e teorias tais como a Linguística textual, a Teoria do Discurso, a Análise do Discurso, a Análise da Conversação, a Semântica Argumentativa e todos os estudos de alguma forma ligados à Pragmática. (TRAVAGLIA, 2001, p.23 – grifos do autor)

De certa forma complementando as definições de Travaglia (2001), Costa-Hübes (2008) assim explica essas novas correntes da ciência linguística:

Na realidade, o que estas correntes têm em comum é o fator histórico e o fato de terem se estabelecido como disciplinas dentro de uma ciência específica, a Linguística, e de se sustentarem na filosofia da linguagem, elevando a interação à condição de princípio explicativo dos fatos da língua. Amparadas neste pressuposto, não mais trataram do estudo de palavras ou de frases isoladas, mas relacionadas ao texto, ao contexto sócio-histórico, ao(s) usuário(s) que as produziu/produziram, aos gêneros discursivos/textuais. Estamos nos referindo a uma nova concepção de linguagem: *a concepção interacionista ou sociointeracionista* que passa a tratar a língua como elemento histórico. (COSTA-HÜBES, 2008, p. 109-110 – grifos da autora)

A Linguística da Enunciação considera o enunciado como um meio utilizado pelas pessoas para interagirem com o(s) outro(s). Nessa perspectiva, compartilhamos da compreensão de que quando produzimos um enunciado, estamos fazendo uso de uma linguagem social. Sendo assim, cabe à escola tratar a língua como social, materializada nos diferentes enunciados produzidos socialmente, os quais, por sua vez, concretizam-se nos gêneros do discurso.

SOCIOINTERACIONISMO E GÊNEROS DISCURSIVOS

Se considerarmos o enunciado como a forma utilizada pelas pessoas para interagirem, podemos dizer que representam tudo o que ouvimos e reproduzimos na comunicação discursiva efetiva com as pessoas que nos rodeiam. Quando produzimos um enunciado, estamos fazendo uso de uma linguagem social, pertencente a um grupo social particular de falantes. Bakhtin aponta que “a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados

(orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana” (BAKHTIN, 2000, p.280).

Para Bakhtin (2000) “cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados sendo isso que denominamos de gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2000, p.279). Então, para o autor, o ser humano, em quaisquer de suas atividades, vai servir-se da língua e a partir do interesse, intencionalidade e finalidade específicos de cada atividade, os enunciados linguísticos se realizarão de maneiras diversas. A essas formas de incidência dos enunciados, Bakhtin (2000) denomina de gêneros discursivos. Cada esfera social produz diferentes gêneros para diferentes situações comunicativas.

Com o propósito de expor, numa análise prática, os fundamentos até então apresentados a respeito da concepção sociointeracionista de linguagem, mostraremos, a seguir, as considerações que podem ser feitas a partir de textos que circulam socialmente e que se caracterizam como gêneros discursivos ¹. Essas considerações baseiam-se na “ordem metodológica para estudo da língua” proposta por Bakhtin (2004), que foi denominada posteriormente como “método sociológico”, o qual orienta sobre os aspectos a serem considerados na análise dos textos:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação lingüística habitual. (BAKHTIN, 2004, p.124)

Em outras palavras, Bakhtin nos propõe um encaminhamento que pode ser considerado ao efetuarmos um estudo da língua materializada nos gêneros discursivos. Essa orientação é retomada, posteriormente, pelo autor, em *Estética da Criação Verbal*, quando aponta três elementos para o estudo do gênero a que pertence determinado enunciado: conteúdo temático, construção composicional e estilo.

Procuraremos, então, apresentar a seguir, as reflexões que fazemos a partir dessa ordem metodológica, aplicando-a no estudo do texto “Separação, o drama de todos”, escrito por Lya Luft e publicado na Revista Veja, em 23/06/2010. Entendemos que, partindo desse encaminhamento, é

¹ A nomenclatura *gêneros discursivos* é apresentada por Bakhtin em “Estética da criação verbal”. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 279-287. Referindo-se ao mesmo conteúdo, Jean-Paul Bronckart define os textos que circulam socialmente como *gêneros textuais*, conforme disponível em “Atividades de linguagem, textos e discursos”. São Paulo: Educ, 2003, p.137.

possível articular a teoria proposta pelo sociointeracionismo ao trabalho com a linguagem em sala de aula. Eis o texto selecionado:

Lya Luft

Separação, o drama de todos

"Se a separação dos pais pode resultar em crescimento e multiplicação de afetos, com boas lições de vida, pode também causar muita desagregação e infelicidade, muita solidão"



Sempre fui favorável a não se curtir sofrimento inútil em longos casamentos nos quais em lugar de carinho e parceria imperam frieza e hostilidade – e se acumula o rancor que envenena sobretudo os filhos. Nem em nome deles, pensei muitas vezes, casais assim deveriam ficar juntos, pelo mal que causam. De certa forma continuo pensando isso, tanto tempo depois de minhas primeiras e precoces reflexões sobre o assunto, eu que vivi numa família de cuidados, afeto e alegria, apesar das naturais diferenças. Porém, a realidade da vida, numa sociedade em que as separações se banalizaram como se as emoções humanas tivessem deixado de vigorar, me ensinou que toda separação abre em pais e filhos feridas que podem não se fechar nunca mais, e que não precisaria ser assim.

Já disse e escrevi que, quando é uma solução inevitável e melhor em conflitos graves, a separação dos pais – com todas as mudanças impostas na vida dos filhos, que não estão se separando, não querem se separar de nenhum dos pais nem mudar de casa, quem sabe de cidade – pode não ser unicamente um mal. Propicia um exercício de novos afetos, de compreensão e tolerância, também de parte dos filhos de qualquer idade com relação aos adultos. Costumamos bater na tecla de cuidar dos filhos, mas raramente nos lembramos de que há uma parte nessa relação, nem sempre fácil, que cabe aos filhos diante de seus pais. Já na pré-adolescência podemos exercitar nosso amor, respeito e tentativa de entender alguns dramas adultos, se não formos criados como pequenos príncipes mimados e birrentos, que batem pé diante do sofrimento alheio e não se importam com os outros.

É verdade que aceitar que os pais já não moram juntos, que temos de nos separar de um deles, a quem veremos, talvez, em dias marcados e enfrentando, cara a cara ou de maneira surda e insidiosa, a raiva e os rancores do casal que se separa, há de ser muito duro. Há de ser triste, e marcante na alma dos filhos, sobretudo se a separação for acompanhada de violência, perseguição, desejo de vingança. Existem os casos brandos, eu sei, e conheço vários, esses em que apesar das dificuldades o casal procura se separar com civilidade e compreensão, não fechando para os filhos, pequenos ou adolescentes, a porta do amor ao pai ou à mãe. Ensinando a aceitar e respeitar o novo parceiro ou parceira deles: essa parte talvez mais difícil de todas em qualquer separação. Pois as escolhas são sempre dos pais, não dos filhos: separar-se, assumir novo parceiro ou parceira, que possivelmente trazem seus próprios filhos, tentando criar um novo tipo de relacionamento e forçado convívio, há de ser uma difícil e dolorosa gangorra emocional. Se pode resultar em crescimento e multiplicação de afetos, com boas lições de vida, pode também causar muita desagregação e infelicidade, muita solidão.

Ilustração Atômica Studio



Como agir para não prejudicar os mais importantes laços de qualquer pessoa, no caso de separação e novos casamentos? Não há receita nem espaço para julgamento. Mas lembro a velha fórmula das estradas de ferro: parar, olhar, escutar... a alma do outro também. Novas pessoas estarão envolvidas, novos feixes de emoção, novas tendências genéticas e conflitos psíquicos por vezes antigos, velhos costumes que agora se envolvem ou enfrentam estreitamente. É preciso conviver, e não machucar pessoas amadas. Culpas infundadas crescem como cogumelos, buracos traiçoeiros podem se abrir no chão fundamental sobre o qual caminhamos: o convívio natural, a família. As responsabilidades são enormes, e as tempestades do momento podem nos fazer esquecer isso, em casos que envolvem tantos problemas e dilemas. Tudo é um tatear no escuro da floresta das humanas necessidades e aflições. Num contexto de convívio e ruptura, no meio dessa tempestade por vezes longa, esperam-se posturas evidentes, mas nada fáceis: bom senso, bondade, capacidade de entender e observar, e desejo real de, apesar dos fatais desacertos, buscar para si e para os outros envolvidos o sofrimento menor.

Lya Luft é escritora

Fonte: Revista Veja, 2170 ed. São Paulo: Abril, 13 de junho de 2010.

O texto em análise caracteriza-se como pertencente à esfera jornalística, por tratar-se de um artigo de opinião e por considerarmos a Revista Veja como seu suporte de circulação. É um texto escrito com o propósito de defender um ponto de vista, uma opinião sobre um assunto

e, portanto, é predominantemente argumentativo. Qualquer artigo de opinião tem como objetivo, também, conseguir a adesão do leitor/interlocutor ao ponto de vista apresentado. O gênero artigo de opinião geralmente apresenta como tema uma discussão de um assunto atual, comumente com questões voltadas à política, saúde, educação, família, temas gerais que se refletem na vida da maioria dos leitores.

Em se tratando do tema, Bakhtin (2004) enfatiza que,

o tema é determinado não só pelas formas lingüísticas que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entoações), mas é igualmente determinado pelo elementos não verbais da situação” (BAKHTIN, 2004, p, 128)

Dessa forma, é possível entender que o conteúdo temático extrapola o que está escrito no texto, já que considera o contexto de produção, ou seja, a situação histórica concreta que deu origem à enunciação e que, de certa forma, provocou tal reflexão. “O tema da enunciação é concreto, tão concreto como o instante histórico ao qual ela pertence”. (BAKHTIN, 2004, p, 128)

No artigo de Lya Luft, o tema está voltado a uma questão geral, bastante presente no cotidiano das pessoas: o drama da separação dos casais. O texto foi produzido com o objetivo de discutir esse tema polêmico, apresentando, aos leitores da Revista Veja, uma opinião sobre o assunto, no sentido de apresentar um posicionamento para, a partir do mesmo, provocar reflexões. Sendo a *Revista Veja* o suporte para o gênero em estudo, a Editora Abril é o veículo de circulação do texto selecionado, cuja publicação ocorreu na edição 2170, de 23/06/2010. Os leitores da revista, público a que o texto se destina, já sabem que, quinzenalmente, frequência com que a autora publica seus textos na revista, vão encontrar na coluna de Lya Luft um tema polêmico, refletido sob um olhar bastante subjetivo da escritora.

A importância dos textos da autora, publicados nesse suporte, relaciona-se à necessidade de produção e publicação de textos desse gênero nesse tipo de suporte (revista de grande circulação nacional) e nessa esfera social de circulação de textos. São artigos escritos para mostrar a opinião de Lya Luft, uma escritora famosa, cujo nome já se destaca também no cenário da literatura. Esse fato parece dar maior credibilidade às opiniões expostas nos artigos e supõe mais adesão por parte do interlocutor. Assim, confere-se que o papel social desempenhado pelo autor tem influência relevante sobre as ideias veiculadas no texto.

Em se tratando de estrutura composicional, conforme já apontado, o texto “Separação, o drama de todos” materializa o gênero “artigo de opinião”, produzido, na maioria das vezes, pela esfera jornalística. O enunciado organiza-se, predominantemente, por sequências

argumentativas. Trata-se de um texto curto que se inicia com uma informação ao leitor, visando situá-lo no tema para, em seguida, iniciar a argumentação sobre o raciocínio defendido. Como é próprio do artigo de opinião, o texto é escrito em primeira pessoa: “Sempre fui favorável a não se curtir...”. Há uma organização dos argumentos nos quatro parágrafos do texto, sendo esses estruturados de maneira a dar uma sequência lógica às ideias apresentadas. Essa estrutura na composição do texto faz com que o leitor consiga acompanhar com clareza o raciocínio da autora e tenha uma melhor compreensão do ponto de vista defendido.

Outro traço característico desse gênero é o lançamento de questionamentos que são imediatamente respondidos pela autora. Na conclusão de seu artigo, Lya Luft questiona: “Como agir para não prejudicar os mais importantes laços de qualquer pessoa, no caso de separação e novos casamentos?”. Não é intenção da autora que o leitor responda ao questionamento, mas sim, tem o propósito de conduzir a reflexão sobre o tema e, ao apresentar a resposta, conquistar a adesão do leitor. Como é possível perceber, a construção composicional contribui significativamente com a organização temática do texto.

Como terceiro passo no estudo de um gênero, Bakhtin (2004) aponta o estilo, remetendo à investigação de questões individuais de seleção do autor, como: vocabulário, estruturas frasais, preferências gramaticais, modalizadores, pontuação, entre outras. Para Bakhtin (2000) todo enunciado é individual e por isso pode refletir o estilo próprio do gênero, da esfera social e do autor. No caso do artigo analisado, há aspectos próprios da esfera (jornalística) e do gênero (artigo de opinião). Entretanto, comunga também com a individualidade da escritora. A autora utiliza, já no primeiro parágrafo do texto, impressões pessoais e familiares para expressar seu posicionamento: “eu que vivi numa família de cuidados, afeto e alegria, apesar das naturais diferenças”, imprimindo, assim, um caráter subjetivo ao texto. Ao longo de sua argumentação, percebemos também que a autora procura envolver e engajar o leitor na situação apresentada. Para isso, utiliza a narração em primeira pessoa, ora no singular, ora no plural; quando o objetivo é apresentar um posicionamento pessoal, utiliza a primeira pessoa do singular, “sempre fui favorável a...”, “De certa forma continuo pensando nisso...”. Quando o propósito é envolver o leitor, a autora insere-o no texto, optando pelo uso da primeira pessoa do plural: “Costumamos bater na tecla de cuidar dos filhos, mas raramente nos lembramos de que há uma parte nessa relação...”. O leitor torna-se, assim, como um personagem dessa ação, envolvendo-se com os argumentos da autora.

Recorrendo à sintaxe dos períodos que compõem o artigo, podemos perceber que os estudos da Linguística Textual somam-se ao que Bakhtin (2000) aponta como o estilo de um gênero que, de certa forma, corresponde, também, ao estudo da coesão e da coerência textual. Faz parte do estilo de

Lya Luft o uso da coesão referencial por anáfora. Exemplo disso é a utilização do referente “assim” no primeiro parágrafo do texto: “casais assim deveriam ficar juntos, pelo mal que causam”, “e que não precisa ser assim”. Temos aí o que Koch (1991) denomina como coesão referencial “em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) do universo textual” (KOCH, 1991, p.31).

Outro exemplo desse tipo de coesão também pode ser encontrado especialmente no último parágrafo, espaço que a autora busca finalizar seu posicionamento a respeito do tema e justificá-lo. A recorrência à catáfora nas exemplificações mantém o leitor envolvido nas conclusões, criando uma expectativa para o que será dito. São exemplos os fragmentos: 1) “Mas lembro a velha fórmula das estradas de ferro: parar, olhar, escutar... a alma do outro também.”; 2) “Culpas infundadas crescem como cogumelos, buracos traiçoeiros podem se abrir no chão fundamental sobre o qual caminhamos: o convívio natural, a família.”; Em 1, a autora utiliza a catáfora para explicar a “velha forma” e em 2, para explicar qual é o chão fundamental sobre o qual caminhamos.

Em se tratando da coesão sequencial, concordamos com Bentes (2004) ao afirmar que “a progressão do texto pode ser percebida pela forma como o tema é, ao mesmo tempo, mantido e renovado” (BENTES, 2004, p.280). Sem nos determos nas formas específicas de sequenciação e recorrendo genericamente à afirmação de Bentes, entendemos que em “Separação, drama de todos”, a coesão sequencial é garantida pelo encadeamento das ideias em cada parágrafo, sabiamente organizados pela autora, graças às conjunções utilizadas, tais como: porém (1º parágrafo), que, mas, se (2º parágrafo), entre outras.

Poderíamos nos deter ainda no estilo, devido às variadas possibilidades de análise que são visíveis no decorrer do texto, como: o emprego dos sinais de pontuação, de modalizadores, de determinados léxicos etc. Todavia, o nosso propósito aqui foi de apenas apontar, com alguns exemplos, como esse aspecto se revela no texto, contribuindo com organização do tema e da construção composicional. Como diz Bakhtin (2000), esses elementos estão intrinsecamente ligados, de forma que é impossível abordar um deles sem que, de forma direta ou indiretamente, interfira na compreensão do outro.

Dessa forma, tentamos mostrar que, ao considerarmos o conteúdo temático atrelado ao contexto de produção, a construção composicional dos enunciados e o estilo que organiza um gênero, estaremos compreendendo a língua em sua forma de interação, em uma situação de uso. Isso significa compartilhar da concepção sociointeracionista e adotá-la como pressuposto teórico capaz de orientar nossas ações pedagógicas com a língua(gem).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa intenção no presente estudo foi de percorrer os fundamentos das concepções de linguagem para apresentar o sociointeracionismo como concepção orientada por estudos da Linguística da Enunciação. Além disso, propusemo-nos a analisar um texto, pertencente ao gênero discursivo artigo de opinião, seguindo o percurso metodológico proposto por Bakhtin (2000, 2004) em relação ao estudo da língua.

Reconhecemos o caráter modesto desse estudo, mas acreditamos que possa contribuir para uma melhor compreensão sobre essa concepção, bem como sobre os conceitos bakhtinianos que a subsidiam para, a partir daí, sugerir um olhar dialógico para a língua e a linguagem.

A análise apresentada possibilita-nos entender que a linguagem é, indiscutivelmente, uma forma de interação social e que o método sociológico orienta o estudo da língua sob esse viés, de forma que possamos compreender como a língua está materializada nos gêneros discursivos.

A partir dessas reflexões iniciais, provocamos os leitores a aprofundar os estudos, analisando textos de outros gêneros a fim de ampliar suas reflexões sobre as diferentes formas de realização da língua(gem).

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Maria E. Galvão e revisão por Marina Appenzeller. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BENTES, A. C. Linguística Textual. In: MUSSALIM, F., BENTES, A.C. (orgs.). *Introdução à Linguística 1: domínios e fronteiras*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 245-287

BRONCKART, J.-P. *Atividades de linguagem, textos e discursos*. São Paulo: Educ, 2003.

COSTA-HÜBES, T. C. *O processo de formação continuada dos professores do Oeste do Paraná: um resgate histórico-reflexivo da formação em língua portuguesa*. Londrina, PR: UEL, 2008 (Tese de doutoramento).

KOCH, I. V. *A coesão textual*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1991.

LUFT, L. Separação: o drama de todos. In: *Revista Veja*, 2170 ed. São Paulo: Abril, 13 de junho de 2010.

MACIEL, C. T. B. Uma viagem à semente. *Línguas & Letras*, v. 1 e 2, n.6 e 7, p. 215-239, Cascavel: Edunioeste, 2002/2003.

MORATO, E. M. O interacionismo no campo linguístico. In: MUSSALIM, F.;

BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à lingüística 3: fundamentos epistemológicos*, São Paulo: Cortez, 2004.

ORLANDI, E. P. *O que é linguística*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SUASSUNA, L. *Ensino de língua portuguesa: uma abordagem pragmática*. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Gramática: ensino plural*. São Paulo: Cortez, 2003.